

Ali Kamel lança livro sobre o Islã

NAS LIVRARIAS

O tema da obra faz parte da vida do jornalista, diretor-executivo de jornalismo da Globo

Desde 2001 ocupando a posição de diretor-executivo da Central Globo de Jornalismo, o jornalista e sociólogo Ali Kamel mantém uma carreira paralela, a de escritor. Depois de lançar o polêmico "Não Somos Racistas", no ano passado - no qual afirma que o Brasil sofre, sim, com desigualdade, mas não discriminação racial - chega às livrarias "Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo" (Ed. Nova Fronteira, R\$ 34,90), tema que está, literalmente, em sua vida.

Filho de pai sírio muçulmano, mãe católica e casado com uma judia, Kamel, que também é colunista do jornal "O Globo", se auto-intitula de "milagre brasileiro". "A situação familiar ajudou muito", ele não nega. "Pude ver, por dentro, como as três religiões têm mais em comum do que se imagina", revela o jornalista, que é profundo estudioso do tema. "Eu mergulhei em páginas e páginas de relatórios que ninguém lê. E saí desse mergulho com informações que pouco circulam".

Em entrevista exclusiva concedida à repórter Carolina Menezes, do caderno Magazine, Kamel vai além do livro e fala sobre seu ofício de jornalista-chefe - já se disse por aí que ele é um profissional durão, mas ele discorda. Diz que tem mui-

tos amigos nas redações, mas que há a hora da concentração e a hora do sorriso. Ele diz ainda que acredita no bom senso do povo brasileiro diante de tanto sensacionalismo na mídia. "O público não se acomoda nunca. Está sempre atento, decidindo, julgando", afirma. Confira, abaixo, a entrevista:

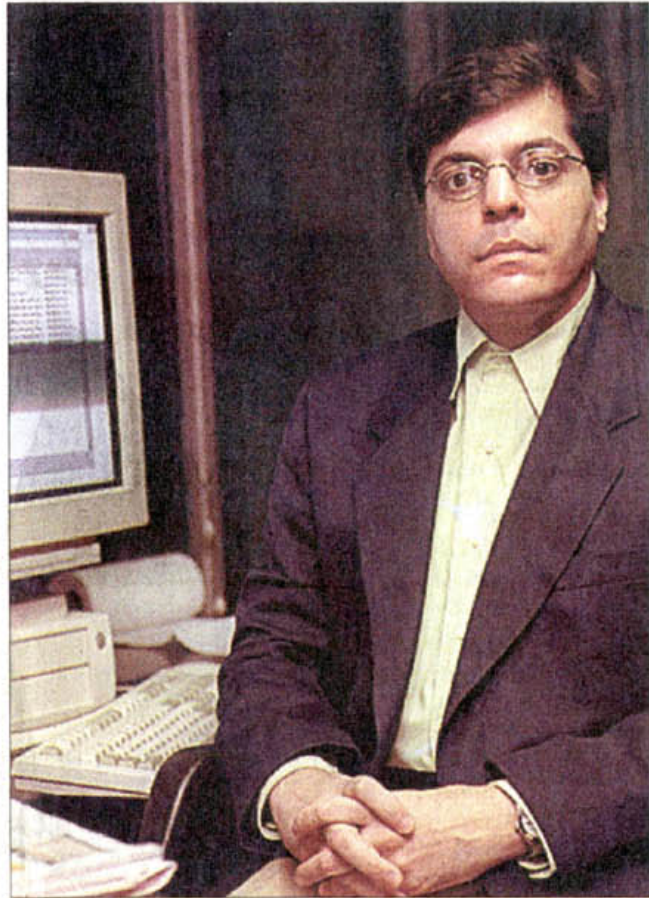
■ **Você já declarou uma vez que vem de um "caldeirão étnico familiar". Qual a influência dessa relação familiar na hora de escrever um livro que traz no título a afirmação de que existe afinidade entre religiões tidas como tão distintas?**

□ **Você usou a expressão correta: "tidas como tão distintas". O que o seu livro procura mostrar é que as três religiões têm a mesma origem. Também para o Islã, tudo começa com Adão e Eva, passa por Caim e Abel, Noé, Abraão (o pai das três religiões), Isac, Jacó, José, Moisés (que herda a Torá, o livro sagrado dos judeus), Jesus (que herda os Evangelhos) até chegar em Maomé, que os muçulmanos consideram descendente direto de Abraão. Pouca gente se dá conta disso. No meu livro,**

"Eu comparo os livros sagrados de três religiões para mostrar como o Islã vê os profetas"

■ **"O povo brasileiro não se acomoda nunca. Está sempre decidindo, julgando..."**

eu comparo os livros sagrados das três religiões para mostrar como o Islã vê cada um desses profetas. Jesus, por exemplo, é visto como um milagre de Deus, porque concebido por uma virgem. Na primeira parte do livro, eu explico tudo isso. Na segunda parte, falo de Maomé em diante, mostrando como o Islã se dividiu entre sunitas e xiitas. Tudo de uma maneira simples, numa linguagem didática, mas fugindo da chatice. Acho que o leitor que se aventurar pelo meu livro terá uma noção bem exata do que é o Islã. Nesse sentido, minha situação familiar ajudou muito. Meu pai e meu avô materno são muçulmanos. Minha mãe e a mãe dela são católicas. E minha mulher é judia, de família praticante. Um milagre brasileiro. Pude ver, por dentro, como as três religiões têm mais pontos de contatos do que as pessoas imaginam. Meu livro quer contribuir para essa visão, uma vez que a maior parte dos livros sobre o Islã trata a religião como se ela fosse tão exótica para nós como o hinduísmo, por exemplo. Na terceira parte do livro, eu enfrento as questões mais polêmicas do Islã: ele é violento? Ele manda apedrejar mulheres? É misógino? E o uso do véu? O leitor verá que não douro a pílula e que enfrento essa discussão de peito aberto, sempre comparando com o que aconteceu ou aconteceu com as outras



O jornalista Ali Kamel, fruto de um "caldeirão étnico familiar"

duas religiões. Na quarta parte, com o leitor familiarizado com o Islã, eu mostro como os teóricos que embasam o terrorismo islâmico deturpam a religião. E defendo a tese de que é errado chamá-los de fundamentalistas. Fundamentalistas, há muitos. Mas nem todos saem por aí nos atacando. Eles devem ser chamados, portanto, de totalitários. Como o nazifascismo. Eles são a pior ameaça que o mundo enfrenta hoje. Meu livro procura despertar as pessoas para isso. Na última parte, eu discuto a Guerra do Iraque, procurando separar o que é realidade do que é mito.

■ **Não só o tema, mas suas conclusões são polêmicas, especialmente as que mexem com o nome de George W. Bush e as que mostram como o islamismo não incentiva a violência. E você vem de um livro ("Não Somos Racistas") igualmente polêmico, que mexe no tema da implantação de cotas raciais na educação brasileira. Na sua opinião, temas como esses são polêmicos, simplesmente, ou dependem da forma como eles são tratados, abordados?**

□ **Eu não sei se os temas são polêmicos, mas toda a minha formação me faz desconfiar de consensos muito cristalizados. Toda vez que uma opinião se torna tão hegemônica que discordar dela soa como heresia, eu me pergunto os motivos para isso. E vou pesquisar. E constato sempre que o mundo é muito mais complexo do que as pessoas gostam de supor. Na questão do racismo, eu procurei demonstrar, com dados e fatos, que as estatísticas no Brasil mostram desigualdade racial, mas não discriminação racial. Negros vivem pior do que os brancos porque são pobres. Mas há 19 milhões de brancos pobres, que vivem tão mal quanto os negros. Nosso problema é a pobreza não o racismo. Nós, como país, não somos estruturalmente racistas. Isso não quer dizer que não haja racismo entre nós. Onde há homens reunidos há os piores sentimentos (e os melhores). O racismo existe entre nós e deve ser combatido. Mas o país não é estruturalmente racista. Nenhuma lei impede ninguém de**



"A imprensa regional no Brasil é potente e O LIBERAL é um exemplo disso"

fazer algo em decorrência da cor. E as estatísticas não demonstram o racismo. Demonstram a desigualdade, fruto da pobreza. Então, o melhor caminho é adotar políticas sociais universais, voltadas para todos os pobres. Porque o pobre branco, quando se vir preterido pelo pobre negro, que vive tão mal quanto ele, apenas por causa da cor, vamos ter algo que não conhecemos aqui: o ódio racial. É isso o que digo no livro. Sobre George Bush, não tenho nenhuma simpatia por ele. O que faço no livro é demonstrar com base nos documentos secretos há pouco revelados que, antes da invasão, as informações davam conta de que a Al-Qaeda poderia se aliar com Saddam, o que seria fatal. Se com o apoio de um estado pária como o Afeganistão a Al-Qaeda conseguiu destruir as Torres Gêmeas, parte do Pentágono e quase atingiu a Casa Branca, o que faria se tivesse o apoio de um estado forte como o Iraque? Eu mostro no livro que as agências de inteligência tinham essas informações, desde a época de Clinton. Elas estavam erradas, mas isso só se pôde saber depois da guerra. Isso não quer dizer, porém, que Bush e Blair mentiram. Quem ler o livro verá que informações eram essas. Eu mergulhei em páginas e páginas de relatórios que ninguém lê. E saí desse mergulho com informações que pouco circulam. Os leitores poderão ver isso. E verão também que eu admito com todas as letras que a invasão, embora defensável, resultou num fracasso. Lamentavelmente.

■ **Você é conhecido por ser um chefe que "economiza sorrisos, e não esforços". Na sua opinião, ser um "chefe-**

amigo" atrapalha na hora de comandar uma central de jornalismo? Qual sua, digamos assim, filosofia de trabalho e o que é um bom repórter, sua opinião?

□ **Eu não acho que economizo sorrisos, de maneira alguma. Tenho muitos amigos nas redações por onde passei. Mas sou muito concentrado. As responsabilidades de quem comanda uma redação são enormes e isso exige seriedade. Portanto, sorrisos e seriedade andam juntos, cada um em seu momento. Não posso traír a confiança que o Carlos Henrique Schroder (diretor da Central Globo de Jornalismo) deposita em mim como diretor-executivo de jornalismo. O bom repórter é aquele que procura ser isento, plural e correto. É aquele que deixa suas idiosincrasias de lado e que apura tudo sem preconceito. E com responsabilidade.**

■ **Sua carreira começou na Sociologia, você chegou a atuar como sociólogo, mas mudou para o jornalismo. O que te fez trocar de profissão? O jornalismo era o que você esperava?**

□ **Na verdade, eu não troquei de carreira. Eu fiz duas faculdades, simultaneamente, Jornalismo e Ciências Sociais. O jornalismo me atraiu mais, mas me formei nas duas. E as Ciências Sociais me foram indispensáveis na minha formação. Hoje, creio que devo muito a essa faculdade no trabalho que desempenho como jornalista e escritor.**

■ **Por muitos, a mídia é considerada como um elemento formador de opinião. Você concorda com isso? Dá para formar um cidadão crítico e reflexivo através de TV, rádio, internet e jornal?**

□ **Eu creio que não é papel do Jornalismo formar nada. Nosso papel é informar. Cidadãos bem informados são melhores cidadãos. Essa é a equação. No meu trabalho, eu não penso que tenho como missão melhorar o mundo, levar a opinião das multidões para esse ou aquele lado. Isso seria publicidade, não Jornalismo. Meu trabalho como jornalista é informar. E cada cidadão, com as informações nas mãos, tomará a decisão que achar correta. O Jornalismo informa. Não forma.**

■ **Na sua opinião, como está o Jornalismo brasileiro hoje em dia? A qualidade do que é produzido segue melhor ou pior?**

□ **O Jornalismo no Brasil é um dos melhores do mundo. Viajo muito, leio muitos jornais estrangeiros e posso testemunhar que não ficamos atrás de ninguém. A imprensa regional no Brasil é potente, e O LIBERAL é um excelente exemplo: sempre atento com o que se passa na sua região, no Brasil e no mundo, com excelentes profissionais. Hoje, os empresários de comunicação sabem mais do que ninguém que o que o público espera deles é informação de qualidade, o que implica ser correto, isento e plural. E, como empresários, eles buscam oferecer isso a seus leitores, ouvintes, telespectadores. Porque, do contrário, morreriam. Então, se não fosse o espírito ético do empresário, por uma mera questão de sobrevivência, o Jornalismo produzido por suas empresas buscaria a isenção, a correção e o pluralismo. Temos sorte, porque a maior parte dos empresários dos grandes grupos de comunicação no país tem isso como compromisso ético também.**



FOTOS: ATINI PINHEIRO

Inscrições prorrogadas.

Artistas do Pará até 04 de setembro.

Horário: Segunda a sexta, 9h às 12h - 15h às 18h

Local: Galeria da Residência Trav. Padre Eutiquio, 1612 Batista Campos 3242 8758

www.frmaiorana.org.br

26º ARTE PARÁ

Patrocínio:



Realização:
FUNDAÇÃO
ROMULO
MAIORANA